

25-07-2023

NEM DEUS, NEM O DIABO

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

As maiores contribuições da ciência para a humanidade são as metáforas, afirma Eugênio Bucci em obra recente, *“Incerteza, um ensaio: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital)”*. Não são as curas que proporciona, tampouco os teoremas complexos ou leis gerais. Suas maiores contribuições são as metáforas que ampliam nossa imaginação contemplativa. Por meio de alguns poucos exemplos o autor demonstra o poder das metáforas para nossas vidas e como são criadas a partir da popularização-vulgarização dos conceitos e teorias científicas ou de conhecimentos acumulados ao longo da história. Então, vamos falar de mais metáforas. Hoje pela manhã, acordei e li um texto muito bem escrito, de autoria de um companheiro de luta por diferentes frentes. Cientista e domador de palavras, domina como poucos a arte de ler e explicar o mundo por meio de metáforas. *“O primeiro Touch”* (Rodrigo Emídio, 10/07/23) tratava do uso das IAs (Inteligências Artificiais) que, metaforicamente, converteram-se em deuses tecnológicos, que tudo sabem e que nos colocam sempre diante daquilo que desejamos.

Esse companheiro, sempre preocupado com o esvaziamento dos sentidos, com a vulgarização do uso da linguagem, com o esfacelamento da cultura por um processo de eternização do “mais do mesmo”, se posiciona do lado dos que temem os resultados da presença constante (onipresença), do poder quase irrefreável (onipotência) e da suposta capacidade de “tudo saber” (onisciência) dessas novas “divindades”. Todavia, me coloco no lugar de Sócrates e demais filósofos da Grécia Antiga e de seu repúdio à linguagem escrita, que a seu olhar, tirava a importância e o sentido dos enunciados. Assim como de um monge copista do século XV, ao ver os primeiros resultados da diabólica invenção de Gutenberg.

Lembro ainda como Nikola Tesla (Áustria, 1856 - EUA, 1943) foi taxado louco, no início do século XX, por considerar possível a existência de energia que não necessitasse de cabeamento (redes móveis, transmissão de informações de um aparelho a outro sem fios). Enfim, lembro que todos esses momentos, que marcaram rupturas de sistemas bem consolidados, nos colocaram diante de profetas do fim do mundo. Devo esclarecer, caro leitor, que também possuo meus receios quanto à velocidade das mudanças tecnológicas recentes, como os diferentes usos das IAs e de seus impactos na cultura e na economia. Todavia, entendendo que a vida humana foi e continuará sendo transformada em razão de nossa curiosidade e criatividade, penso que já estamos a caminho de bons direcionamentos a tais aparatos tecnológicos. Pelo menos, assim espero.

Como a escrita nos tempos de Sócrates, ou a imprensa de Gutenberg, ou o rádio, a TV, a internet, os smartphones, etc., o novo sempre assusta. As mulheres que tinham acesso a livros foram chamadas de bruxas no passado. Tesla assustava o mundo com suas ideias, mas nada disso fez deles Deuses ou Demônios. O tempo passou e compreendemos a importância de cada uma dessas mudanças técnicas e tecnológicas. Assim como vislumbramos melhor suas contradições ou contribuições. Nada melhor que o tempo para nos dizer o que de fato esse momento acrescentará à nossa história enquanto espécie. Só com o distanciamento histórico saberemos o peso e a importância desse tal deus tecnológico, para usar a metáfora do nosso companheiro, para a cultura, a economia, a política, enfim, para nossa vida em sociedade. Devo lembrar que o fato da cultura oral ter sido substituída pela escrita não diminuiu a importância das contribuições filosóficas de Sócrates. Tampouco a imprensa melhorou o conteúdo do que viria a ser escrito, papel que sempre coube aos autores, uns melhores, outros piores.

Por último, apesar do receio quanto às ideias de Tesla, algumas ainda hoje pouco compreendidas, suas contribuições quanto à disseminação do uso da eletricidade mudaram o mundo. Sendo assim, retomando Bucci, as metáforas são realmente contribuições fantásticas da ciência para o mundo, inclusive para ampliar nosso repertório linguístico, para melhorar nossas formas de elaboração do pensamento e de explicação do mundo que nos cerca. Porém, as metáforas foram e continuarão sendo recursos úteis também para exposição criativa de pontos de vista. Recursos esses que, se bem utilizados, potencializam seus impactos sobre quem os lê. O uso de metáforas e outros recursos linguísticos têm sido a principal ferramenta de pessoas mal intencionadas para fortalecimento de discursos radicais. Metáforas em favor de mentiras, que eufemisticamente recebem a alcunha de Fake News. E trago essa questão apenas para falar de prudência, pois assim como outros elementos de ruptura técnica e tecnológica do passado, as IAs já são uma realidade e podem também trazer novidades que poderão impulsionar a ciência, a cultura e nossa forma de lidar com a informação, a economia e a política. Para finalizar com uma última analogia, lembro que a própria escola, lugar onde o milagroso processo de transformação de mentes humanas - ensino, ensino-aprendizagem, educação -, no qual os alunos, que a ela recorrem para “preencher suas mentes e vidas”, é a mesma escola responsável pela reprodução das condições sociais típicas da sociedade capitalista. E essa mesma escola é ainda o palco das tensões de classes que podem nos colocar diante da compreensão da realidade, que ela própria pode ajudar a transformar ou perpetuar. Ou seja, nem escola diabólica, nem escola paradisíaca. O mesmo podemos dizer das IAs, nem Deus, nem o Diabo, apenas mais criações humanas que serão melhor compreendidas com o tempo. E se for tarde demais? Nos faremos essa pergunta ainda muitas vezes, até que, de fato, seja tarde demais. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.